

Revista de
Responsabilidade Social
da Fundação Gorceix



Edição Comemorativa



2005 | 2015
10 anos

Arte, educação e sociedade





É no patrimônio histórico e cultural da humanidade que se desenvolve o patrimônio intelectual do Brasil.

A Fundação Gorceix está ajudando o Brasil a escrever as melhores páginas de sua história. Uma das principais instituições de apoio e desenvolvimento de ciência e tecnologia do setor minero-metalúrgico do país, a Gorceix atua além do seu compromisso e transforma o conhecimento produzido em benefícios para toda a sociedade, integrando o espaço acadêmico às demandas da comunidade, ao realizar projetos de inclusão social e de atendimento à população carente em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e organizações privadas. Essa rede de auxílio mútuo permite ao aluno bolsista a oportunidade de retribuir para a sociedade os benefícios que recebe.

Com suas ações, a Gorceix consegue aliar o desenvolvimento científico e tecnológico de seus departamentos à assistência social, à educação e à cultura, integrando professores, alunos e ex-alunos da Escola de Minas da UFOP.

Departamentos: DEMAM, DEPAI, DEPEC, DEPESP, DEPETRO, DETAP, DETI, DETEMM e REM.



EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E AÇÕES SOCIAIS
VALORIZAM O COMPROMISSO
ÉTICO COM A SOCIEDADE

Sumário

4
Fundação Gorceix – 55 anos
de apoio à formação
profissional e ao
desenvolvimento científico
e tecnológico e social do país



6
Atuar em
prol da
comunidade
ouro-pretana



8
Ação
Social:
a mais
nobre das
missões

10
Depoimentos
dos coordenadores
Marco Flávio,
Fernanda
Rodrigues e
Adriana Martins



14
Do engatinhar
ao caminhar

16
Na companhia
de um rastro
de luz



18
Na
companhia
de “muitas
gentes”



20
Minha
experiência
com o
Lar São
Vicente de
Paulo

22
Em busca da
humanização
na Santa
Casa de
Misericórdia



26
Na companhia
do carinho
e do afeto
na APAE de
Ouro Preto



30
Na companhia
da alegria das
crianças da Pastoral

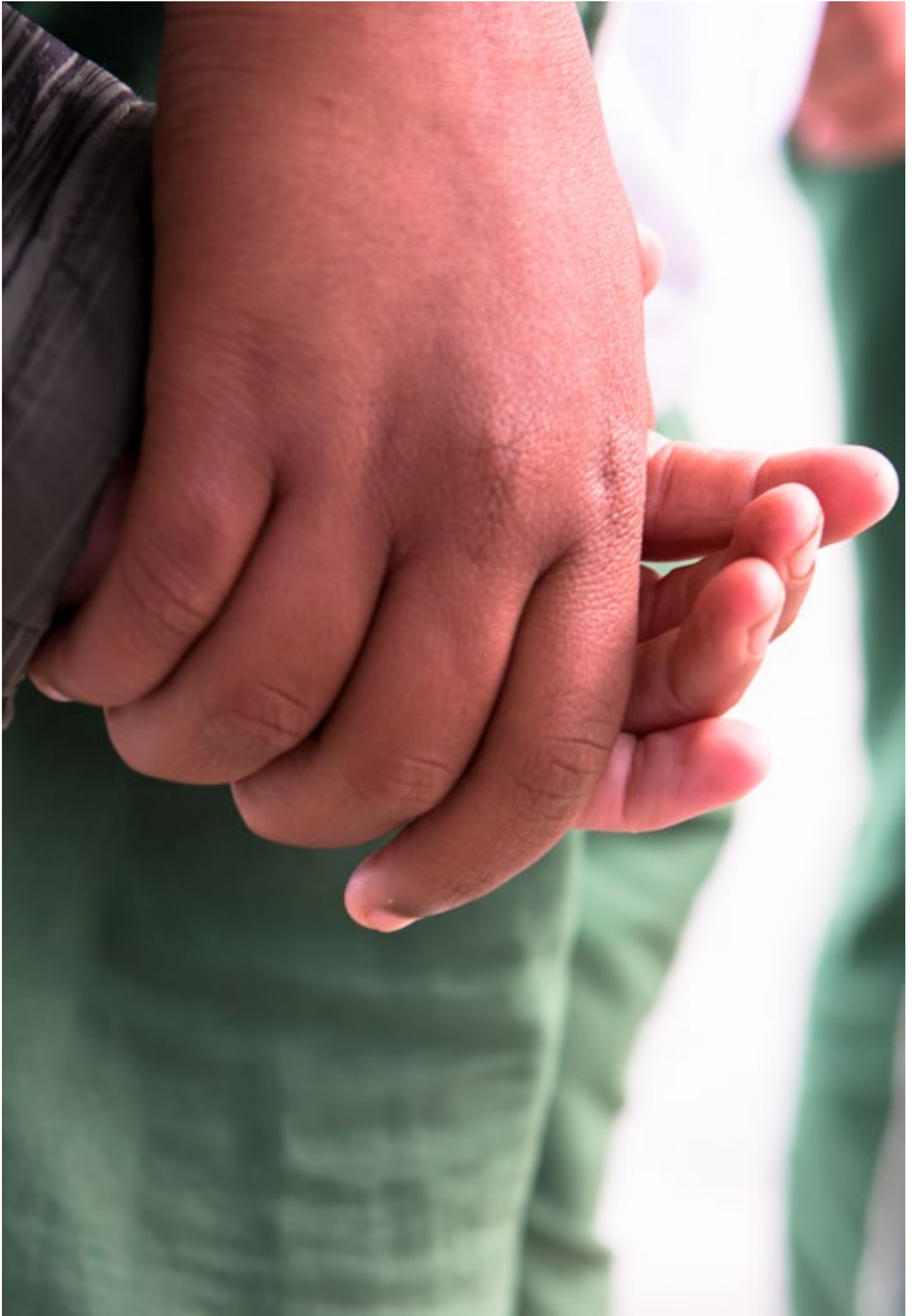
34
Na companhia
do tempo no
Lar São Vicente
de Paulo



38
Na companhia
do cuidado e
da atenção do
CAPSi



42
O futuro do
Cia. da Gente



Fundação Gorceix – 55 anos de apoio à formação profissional e ao desenvolvimento científico e tecnológico e social do país

Cristovam Paes de Oliveira

**CRISTOVAM
PAES DE OLIVEIRA**
*Presidente da
Fundação Gorceix*



Cinquenta e cinco anos atrás, um grupo de ex-alunos reuniu-se para buscar uma forma de apoiar a Escola de Minas de Ouro Preto, nessa ocasião, uma das Unidades Acadêmicas da Universidade do Brasil. Por razões administrativas e acadêmicas, essa renomada escola estava prestes a obter sua autonomia e, na visão de seus eminentes ex-alunos, necessitaria de uma Fundação que pudesse apoiá-la nesse seu novo *status* institucional, suportando, ainda, a formação profissional de seus alunos, com foco naqueles carentes de recursos financeiros e, por fim, contribuir para o desenvolvimento científico e tecnológico do setor minero-metalúrgico do país. Estava lançado, assim, o embrião da Fundação Gorceix, que, em 18 de abril de 1960, no Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, se transformou em realidade e que hoje completa 55 anos de atuação ininterrupta, cumprindo os ideais de Claude Henri Gorceix, que motivaram a iniciativa e a visão futurista de sua criação.

Neste meio século de existência, a Gorceix vem cumprindo, com zelo e dedicação, suas finalidades estatutárias, gerando e transferindo conhecimento no campo da engenharia mineral por meio da elaboração e execução de projetos em parceria com as principais empresas brasileiras do setor. A realização de tais projetos tem objetivos múltiplos, que vão desde a captação de recursos para o integral cumprimento de sua missão até a geração de conhecimentos específicos que possam contribuir para a constante atualização de professores e pesquisadores, e, principalmente, para a complementação da formação dos alunos da universidade, com foco na Escola de Minas, propiciando-lhes uma inserção no mercado de trabalho de forma mais competitiva. Por ser uma fundação com características especiais, a Gorceix, por dispositivos estatutários, tem como finalidade prestar assistência social a alunos carentes e mesmo à sociedade em geral, qualificando-se, ainda, como Fundação de Apoio a Instituição Federal de Ensino no Ministério da Educação e Ciência e Tecnologia.

No primeiro caso, foram criados programas de apoio para suprir necessidades básicas de seus beneficiários diretos, bem como de diversas entidades beneficentes de Ouro Preto e região, notadamente aquelas que atingem diretamente o cidadão em situação de vulnerabilidade.

No segundo caso, igualmente, programas específicos foram criados para complementar a formação de jovens que ingressam na universidade oriundos de escolas desprovidas, muitas vezes, de recursos mínimos que possam suprir todo o seu potencial de aprendizagem; são pessoas que, por não disporem de meios financeiros, não tiveram acesso a certas ferramentas fundamentais ao acompanhamento e aproveitamento do conteúdo de um bom curso superior.

A Gorceix tem hoje uma estrutura montada para minimizar tais deficiências, complementando a formação técnica, gerencial e humanística desses alunos, bem como para suprir algumas necessidades básicas de alimentação e saúde. Em resumo, nossa Fundação tem hoje duas vertentes de atuação: uma é voltada para o desenvolvimento científico e tecnológico na área mineral, com todos os aspectos positivos que tal ação representa para a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro; outra, voltada para uma ação social efetiva, e mais imediata, que vai além dos muros da universidade, atingindo a comunidade carente externa. Tal ação, inquestionavelmente importante e em perfeita consonância com os mais legítimos interesses da sociedade hodierna, tem por objetivo minimizar o enorme desequilíbrio social em Ouro Preto e região. E tem, ainda, um significado muito especial: ela materializa a preocupação da comunidade acadêmica, articuladora e apoiadora das ações da Fundação Gorceix, em retornar à sociedade um pouco do muito que recebeu e recebe, em termos de formação profissional e humanística, ao se graduar em uma instituição pública, que exerce sua nobre missão de formar novos quadros para o nosso país, muitas vezes com o sacrifício das classes menos abastadas.

Para cumprir sua missão, a Fundação Gorceix conta com pesquisadores, técnicos e pessoal de apoio e, ainda, com laboratórios próprios, distribuídos em nove Departamentos Temáticos. Neste contexto, a Gorceix cumpre um dos mais nobres pressupostos de uma fundação responsável socialmente, gerando conhecimento científico e tecnológico no seu campo de atuação e, mais que isso, contribuindo para a formação profissional e humanística dos alunos da Escola de Minas e da UFOP, não se esquecendo de uma efetiva ação social na comunidade em que está inserida.



Atuar em prol da comunidade ouro-pretana

Reinaldo Otávio Alves de Brito Pinheiro

A Fundação Gorceix, no cumprimento de suas atividades estatutárias, socioassistenciais, busca apoiar e assessorar as instituições filantrópicas de Ouro Preto, em conjunto com a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e diversos parceiros.

Desta maneira, a Gorceix vem prestando relevantes serviços sociais, em conjunto com as referidas instituições parceiras, a pessoas portadoras de deficiência, idosos, pessoas em situação de vulnerabilidade em geral, por meio de ações de atendimento direto e de inclusão social, com vistas à redução da ocorrência dessas situações de vulnerabilidade e melhoria da qualidade de vida de seus usuários e famílias.

Dentre os diversos programas que a Fundação Gorceix busca desenvolver para alcançar esta meta, destaca-se o Projeto Cia. da Gente, que, completando neste ano 10 anos de existência de muito sucesso, é motivo de grande celebração.

Assim, é com imensa satisfação que, nesta data, compartilhando deste projeto de tamanho alcance social, aproveitamos o ensejo para parabenizar toda equipe envolvida na produção do mesmo, desde os seus primórdios, por intermédio dos coordenadores (docentes: Prof^{as}. Andréa Albuquerque Adour da Câmara e Maria Tereza Mendes de Castro - 2009; Prof. Rogério Santos de Oliveira - 2010; Prof. Davi de Oliveira Pinto - 2013/2014; Prof. Marco Flávio Alvarenga e Prof^a. Fernanda Aparecida Rodrigues da Silva - 2014/2015; e discentes: Paula Gotelip de Souza Corrêa e Luís César dos Reis - 2006 a 2008; Carlos Alberto Ferreira da Silva - 2007 a 2012; Robson Breno Oliveira Carvalho - 2012 a 2014; Adriana Martins de Castro - 2014/2015; voluntários; e outros), que, sem dúvida alguma, contribuíram com destaque para o êxito deste projeto.

Obrigado!

**REINALDO
OTÁVIO ALVES
DE BRITO
PINHEIRO**

*Superintendente da
Fundação Gorceix*





Ação social: a mais nobre das missões

Telma Ribeiro de Queiroz

“Para colocar em prática nossas ideias, buscamos parceria com alunos das áreas de Artes Cênicas e Música da UFOP, que prontamente não só aceitaram nosso convite, como criaram um grupo que atendeu plenamente às nossas expectativas, sob a coordenação dos então alunos Paula Gotelip de Souza Corrêa (Artes Cênicas) e Luiz César dos Reis (Música). Não poderia ter sido melhor a escolha. Logo surgiu um grupo de alunos cheios de sonhos, sentimento de solidariedade e alto espírito empreendedor, que nos apresentou os primeiros projetos que viriam a ser executados com amor e dedicação.”

TELMA RIBEIRO DE QUEIROZ

Coordenadora do Cia. da Gente na Fundação Gorceix



Às vezes nos é dado cumprir alguma missão que, ao depararmos com o desafio num primeiro momento, nos faltam palavras, ações ou reações. Ultrapassada a surpresa, começamos a trabalhar em nosso consciente, avaliando as possibilidades e as perspectivas sobre a tarefa proposta, acabando por assumir de corpo de alma aquele objetivo, transformando-se desta forma em meta a ser alcançada.

Ao assumir a Assessoria Jurídica da Fundação em 1989, vi se descortinar diante de mim uma instituição solidamente idealizada, portadora de nobres objetivos e finalidades. Bastava uma leitura de seus estatutos e dos diversos artigos publicados a seu respeito para se comprovar o alto espírito altruístico e empreendedor de seus instituidores nos idos de 1960.

Desde o início, senti orgulho de poder fazer parte de sua história e, de lá para cá, tenho pautado meu trabalho em prol desta instituição dentro do mais alto nível de ética e respeito que ela merece. Aqui encontrei pessoas que chegaram bem antes de mim, mas que comungavam dos mesmos sentimentos e expectativas em relação à instituição.

A partir de 2004, ampliamos de forma significativa os atendimentos e programas destinados aos alunos da Escola de Minas com a criação de diversos cursos de complementação profissional e novas formas de apoio da permanência do aluno na escola, ao mesmo tempo em que cuidamos de promover a harmonização das vertentes de frentes de trabalho da Fundação, com a consequente ampliação do atendimento da área social da instituição.

Sonhávamos com o crescimento linear da Fundação. E foi imbuídos desse espírito que, ao ser gerado o equilíbrio econômico e financeiro da instituição, pudemos, mais uma vez, propor à Administração e aos Conselhos da Fundação a ampliação de nossos programas sociais e do nosso rol de assistidos, expandindo, desta forma, este trabalho com a comunidade ouro-pretana.

Como sempre ocorre nessas ocasiões, tivemos posicionamentos contra e a favor das novas propostas. Porém, uma ideia clara, transparente, imbuída do desejo de cumprir e aplicar o pensamento dos instituidores da Fundação de forma efetiva, não podia ser relegada a segundo plano ou meramente esquecida.

Apresentada a aspiração ao Ministério Público estadual, órgão velador de Fundações, fomos amplamente apoiados em nossas propostas, o que nos permitiu criar novos programas sociais, a exemplo do projeto Cia. da Gente, vigente até os dias de hoje.

Este ano, ao comemorarmos 10 anos de existência do

projeto Cia. da Gente, tive a grata surpresa de receber, dos atuais coordenadores do programa por parte da UFOP, a incumbência de elaborar um histórico sobre o início das atividades deste projeto, com a finalidade de promover um registro oficial que permitisse contar a sua história.

Coincidentemente, me foi repassado pela Administração da Gorceix, também neste ano, a incumbência de acompanhar e coordenar, por parte da Fundação, as ações do referido projeto.

Sobre o projeto em si, teria farto material que ocuparia não só uma ou duas páginas, mas revistas inteiras. Começando pela sua concepção, diria que nasceu do mesmo anseio de promover a qualidade do trabalho da instituição, propiciando à comunidade ouro-pretana, na qual se encontra inserida nossa instituição, benefícios e maior interação ainda não realizados, dividindo com o povo ouro-pretano nossas conquistas.

Assim, dentro de um programa maior, que recebeu o nome de Cia. da Gente, surgiram os primeiros projetos implantados nas diversas instituições de Ouro Preto, assim intitulados: *Implantação do SUA - Sistema Único da Alegria* (Santa Casa de Misericórdia), *O Que Significa Isso?* (Pastoral da Criança e do Adolescente), *Memória em Cena* (Lar São Vicente de Paulo), *Violão Menino* (Pastoral do Menor e do Adolescente), *Música Alegre* (Santa Casa de Misericórdia), *Música Que Inclui* (APAE) e *Canto Solidário* (Lar São Vicente de Paulo).

Qual não foi a nossa surpresa ao constatar o alto nível e qualidade dos trabalhos dos alunos da UFOP! A partir de então, a cada grupo que se forma na graduação e segue em seu caminho profissional, chegam outros, que dão continuidade a esses importantes projetos, sempre com a mesma competência e carinho.

O que dizer então dos professores, tanto das Artes Cênicas quanto da Pedagogia, atualmente representados pelos professores Marco Flávio Alvarenga e Fernanda Aparecida Rodrigues da Silva, que, de forma voluntária, orientam, estimulam, acompanham e dirigem com todo carinho as atividades de nossos projetos.

A todos os alunos hoje integrantes do projeto Cia. da Gente, coordenadores e aos que aqui passaram, deixando sua contribuição de cidadania, os nossos parabéns pelos 10 anos do projeto e o desejo de que possam ampliar o alcance de suas atividades, beneficiando cada vez mais a interação com a comunidade ouro-pretana.

Para mim é uma honra e uma grande felicidade participar com vocês dessa obra maravilhosa. A todos vocês dedico a minha admiração e carinho.

Com a palavra, a coordenação

Na companhia do caráter humanista em todas as suas extensões

Marco Flávio Alvarenga

Coordenar um projeto de extensão transdisciplinar dessa magnitude é uma grande alegria, tanto pelo caráter humanista do projeto como pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Os Programas Extensionistas configuram um caminho para a aproximação entre a universidade e a comunidade, transformando conhecimentos em experiências na busca da melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Encontrei no Cia. da Gente um grande grupo de alunos artistas e pedagogos dispostos a ajudar pessoas com necessidades especiais, o que me reforçou a crença de que a arte realmente tem papel transformador na sociedade. Ao perceber o desenvolvimento psicológico, emocional e motor dos atendidos, a alegria nos rostos deles, reconheço a utilidade de minha profissão.

A tendência é que o projeto seja duradouro e venha a crescer muito com novas parcerias institucionais e com profissionais de outros campos do saber.

Vejo o crescimento profissional e espiritual dos bolsistas do projeto. Eles estão se transformando em cidadãos comprometidos com a sociedade e com a promoção de um futuro melhor. O programa se coloca como forma de ampliação das possibilidades de trabalho para os alunos, que passam a ver a arte e seus recursos também pelo viés da terapia e da promoção do bem-estar.

**MARCO FLÁVIO
ALVARENGA**
*é professor do
Departamento de
Artes Cênicas
da Universidade Federal
de Ouro Preto (UFOP) e
coordenador do projeto
Cia. da Gente.*



Uma experiência singular

Adriana Martins

A minha inserção no Cia. da Gente aconteceu em fevereiro de 2013 de uma forma repentina. Faço o curso de bacharelado, porém, vivi outras experiências fora da universidade que me instigaram a tentar a vaga para atuar na Pastoral.

Particpei da Pastoral durante um ano. Ali vivenciei uma troca incrível e desafios que me modificaram. Eu senti a poesia da vida em cada sorriso, em cada olhar das pessoas que ali estavam e também me “baguncei”, me desconstruindo e me reconstruindo com os olhares distintos da equipe, que a cada dia se dispunha a ser, a estar e a transformar a si e ao outro. Experiência ímpar, gratidão imensa!

Foi a partir de fevereiro de 2014 que assumi a coordenação do Cia. da Gente. A ideia era articular junto com a equipe para que as coisas seguissem. Os desafios foram muitos. Trabalhar com uma equipe grande e com seres tão distintos (e que bom!) é andar a todo momento em uma corda bamba. São muitos lados, muitos sentidos, muitos sentimentos, mas tudo em função de um único desejo: mover o Cia. e não parar de avançar.

Após um ano de trabalho na coordenação, as coisas foram ficando mais claras e confortáveis (mas não menos desafiadoras) e os desejos foram crescendo. Um desejo imenso de conhecer a história do Cia. foi o mote durante este ano de 2015 e o fruto disso se dá nesta comemoração dos 10 anos do Cia. da Gente. Um grande trabalho em equipe, no qual aprendemos e nos transformamos a cada dia.

Vida longa ao Cia. E que a história seja sempre viva para inspirar os próximos que vão embarcar nesta jornada.

**ADRIANA
MARTINS**
é aluna
coordenadora
do Cia. da Gente.

Fazer parte desta companhia: uma experiência com humanidades

**FERNANDA
APARECIDA
OLIVEIRA
RODRIGUES SILVA**
é professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e coordenadora do projeto Cia. da Gente.

Fernanda Aparecida
Oliveira Rodrigues Silva

Acompanho o Cia. da Gente desde abril de 2014, junto com o Prof. Marco Flávio Alvarenga e Adriana Martins, graduanda do curso de Artes Cênicas. É um diferencial do Cia. da Gente ter dois professores e uma aluna na coordenação geral do programa. Tal organização permite tratá-lo a partir de olhares, opiniões e concepções diferentes, o que o aqilata em qualidade.

O grupo de estudantes que compõe o Cia. da Gente pode ser considerado “polifônico”. Eles e elas trazem conhecimentos das Artes Cênicas, da Música e da Pedagogia. Juntos desenvolvem diferentes formas de encantar sujeitos múltiplos de instituições específicas (APAE, Lar, Pastoral, CAPSi, Hospital) com as linguagens artísticas e culturais. Estar em contato com esse conjunto de sujeitos e saberes é uma situação ímpar.

Assim, e por isso mesmo, é um desafio fazer parte do Cia. da Gente. Nesse desafio, mesclam-se incertezas, medos, aflições, alegrias, satisfações, tristezas, superações e uma infinidade de outros sentimentos que aparecem juntos e misturados. Tudo isso nos leva a pensar, a pesquisar e a buscar formas de diálogos com as demandas que a atuação nas instituições provocam.

O trabalho é complexo. O que o move são sorrisos, apertos de mãos e abraços, pois servem para lembrar das relações que permeiam o Cia. da Gente. A meu ver, o Cia. exercita e propaga humanidades. Razões pelas quais gosto muito desse trabalho.





Em pé, da esquerda para a direita: Matheus, Christiana, Dayenne, Osislaine, Izabela Rivair, Izabelinha, Ana, Fernando, Tábatta, Vinicius, Thaís e Marco Flávio.



Agachados: Diego, Gilmar, Renato, Cláudio, Vanessa, Ana, Daniel, Almiro, Adriana, JotaPê e Gabriel. Sentados: Eutíquio, Heloíza, Renata e Sutane.



Do engatinhar ao caminhar

Paula Gotelip

Criada em 1960 por um grupo de ex-alunos da Escola de Minas de Ouro Preto, a Fundação Gorceix tem como missão: *“Contribuir com a formação profissional e com o desenvolvimento científico e tecnológico na área mineral, sempre tomando como premissa básica a responsabilidade social e ambiental”*.

Entre seus objetivos, sempre esteve a complementação da formação acadêmica dos alunos dos cursos de Engenharia da Universidade Federal de Ouro Preto.

Em 2005, sob a superintendência e o olhar sensível da Dra. Telma, a Fundação começou uma fase de renovação e ampliação das suas ações sociais. Em parceria com a Prefeitura de Ouro Preto, deu início ao projeto Cia. da Gente, com a reforma e a compra de equipamentos para a Pediatria da Santa Casa de Ouro Preto. Reforçando sua atuação na comunidade ouro-pretana, nesse mesmo ano a Fundação Gorceix abriu diálogo com mais três instituições – APAE, Lar São Vicente de Paulo e Pastoral da Criança – para a implementação de atividades artísticas e culturais semanais em duas vertentes: uma na música e outra nas artes cênicas.

Sobre o núcleo de Artes Cênicas

Paralelo às ações da Fundação Gorceix, oito jovens, que cursavam licenciatura e bacharelado e se reuniam semanalmente para debater as possibilidades de atuação artística e educacional para crianças e idosos, formaram o grupo “Cia. Adauto de Investigação”. O curso de Artes Cênicas da UFOP havia formado poucas turmas e estava se estruturando internamente e especialmente. Havia uma demanda por estágios, por troca de saberes, por pesquisas educacionais e artísticas, por vivências.

A confluência desses fatores gerou a primeira equipe de trabalho deste projeto que hoje completa dez anos. Em conjunto, elaborávamos uma proposta pedagógica de atuação, trocávamos conhecimento e possibilidades, buscando criar ações que motivassem tanto os beneficiários diretos quanto o seu entorno (família e instituição). Tivemos a sorte de ter professores parceiros que, desde sempre, acreditaram nessa parceria e que, acima de tudo, dedicavam suas horas livres em conversas que vinham repletas de questionamentos e reflexões. Nós nos reuníamos para discutir as ações, pensar junto e avançar. Nos reuníamos com as instituições e com a Fundação Gorceix, mensalmente, para alinhar os desejos e os anseios de cada uma das partes envolvidas. Tínhamos como missão dar aconchego a quem precisasse, um sorriso, um abraço; motivar quem estava desmotivado; oferecer opção de cultura, cidadania e inclusão por meio da educação e da arte. Nós estávamos

motivados pela cultura, pela arte-educação e pelo sentimento mais nobre: o amor ao próximo.

O primeiro ano foi de conquista do outro, do nosso espaço dentro de cada uma das instituições e, principalmente, de um espaço dentro da Fundação Gorceix, para permanência e ampliação das suas ações sociais.

Tenho uma gratidão imensa por nos terem dado autonomia e liberdade para experimentar, vivenciar e criar os encontros com crianças, adolescentes e idosos. Sem a pressão de resultados, e com a sensibilidade de perceber que o processo e a cidadania eram mais importantes. Essas vivências nos enriqueceram como ser humano e também como artistas e gestores que hoje somos. Confesso que tenho curiosidade de ir a Ouro Preto para rever e saber de cada família, como foi tudo isso, já que no curto convívio que tivemos, lembro-me de retornos positivos e motivadores. Em 2007, chegamos a participar, em Florianópolis, do encontro da ABRACE, apresentando o projeto, sua ampliação e seus resultados.

Com o final do curso de graduação, muitos da equipe inicial se desligaram, alguns concluindo o ciclo, outros deixando-o pela metade, e novos membros foram chegando. Lembro-me da chegada do Carlos Alberto ao grupo; no início como voluntário; depois, fui acompanhando de longe suas conquistas. Acredito que o Carlos seja uma pessoa fundamental nesse projeto por transformá-lo em um projeto de extensão do Deart.

Sinto não ter conhecimento de como se deram os encaminhamentos na vertente da música, mas me recordo bem dos olhinhos brilhantes das crianças da Pastoral ao contarem como foi a aula de música, dos seus primeiros acordes e das suas expectativas na apresentação na capela (saudades!).

Minha gratidão a todos pelos anos juntos e uma longa existência ao Cia. da Gente.

Memórias

Lembro-me das conversas e dos monólogos no Lar São Vicente de Paulo, e das risadas entregues e dos olhares desconfiados na Pediatria.

Atuei por um tempo na Pastoral e depois no Lar São Vicente de Paulo. Guardo dentro de mim esses encontros entre setênios tão diferentes e tão semelhantes, nos quais faltam a memória e a coordenação motora, mas não falta a capacidade de brincar e de se relacionar.

Brindo a casa e brindo a vida!

“Lembro-me do dia da festa anual de encerramento da APAE em que os alunos encenaram Um homem é um Homem, de Bertolt Brecht, no mesmo ano em que o Grupo Galpão estreia o texto. Foi um silêncio na Casa da Ópera, muita gente com olhos marejados, estudantes da UFOP incrédulos dessa conquista linda. Resultado alcançado por um processo de criação brilhantemente conduzido por Maira Goreti e Rafael Carvalho.

Ainda me lembro dos esforços e da mobilização da equipe da Cia. da Gente, de namorados e amigos para a inauguração do novo espaço da Pastoral da Criança.”

PAULA GOTELIP

é pós-graduada em Gestão Cultural pela UNA (2011) e em Gestão Contemporânea da Cultura pela Duo Informação e Cultura (2009), e bacharel em Direção Teatral pela UFOP (2008). Produtora e gestora cultural em projetos de teatro, dança, música e cinema.



Na companhia de um rastro de Luz

Breno Villas Boas

Caro leitor, já de início lhe peço desculpa. Sim. Peço porque talvez me falte a elegância na escrita, ou quem sabe eu fuja dos padrões *pro forma*, mas o fato é que o que segue logo abaixo não é um mero relatório de uma experiência profissional, mas uma “memorabilia”. E essas coisas que atravessam o coração me trazem sempre a sensação de que são cavalos indomáveis.

O convite para integrar o Cia. da Gente se deu em um momento muito próspero. Eu estava em cartaz com uma peça infantossenil (assim classificávamos o *Teatro de Sombras de Ofélia*, no qual a personagem-título era a velhinha mais doce que já houve na dramaturgia), estagiava como arte-educador no Museu do Oratório e realizávamos um projeto com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual Alfredo Baeta. Por tudo isso, ser encaminhado ao Lar de Idosos São Vicente de Paulo não foi de início um susto ou motivo de preocupação.

Quando eu e minha parceira de trabalho, Ana Paula Hubli, chegamos à casa de repouso, ficamos muito assustados com o que encontramos, pois, do ponto de vista social, o ambiente era inóspito, os moradores mal conversavam entre si, o ambiente era triste e marcado pela dor do esquecimento da família, da sociedade e das próprias memórias. Nesse momento, nos sentimos atados, tanto quanto muitos dos cadeirantes que ali se encontravam, mas sabíamos que, se havia um propósito – e sempre há –, esse seria o nosso: reavivar aquelas almas.

Aqueles olhares confusos não sabiam distinguir se éramos visitantes ou professores, e, para ser muito sincero, creio que nós também não. Ainda que com o espírito imbuído de boa vontade e engajamento arte-educacional, nossa sensibilidade dizia que, naquele momento, tudo o que eles precisavam era ser acolhidos, ouvidos, olhados e, nesse sentido, precisavam ser visitados. Foi nisso que nos apoiamos. Aos poucos, fomos descobrindo o nome daquelas pessoas; e também profissões, histórias familiares, sonhos, *hobbies*, mágoas, convicções. Enfim, visitamos corações, pensamentos e almas.

Fomos descobrindo seres inesquecíveis como Dona Ravena, sempre sentada na varanda. Era uma senhora por volta dos 90 anos e incapaz de se lembrar da própria idade ou do nosso rosto, mas declamava com perfeição a história do Descobrimento do Brasil, tal qual tinha estudado na infância, sem mudar sequer

uma palavra ou uma pausa. Também sabia ladainhas, poesias, músicas, e eu não sei dizer se eram os olhos dela que brilhavam ou se refletiam o brilho dos meus, mas o fato é que tudo se iluminava.

Havia um senhor – e agora a minha memória me falha; não me lembro se atendia pelo nome de João ou José... era um nome popular – aficionado por crônicas, contos e poesias. Em um determinado momento, começamos a trabalhar com notícias de jornais. Queríamos levar um pouco do mundo lá de fora para dentro do Lar, que vivia sob uma redoma atemporal. E assim líamos sobre os fatos e ouvíamos as opiniões deles; mas o tal senhor não queria saber de notícias, não queria a realidade; queria algo mais doce. De crônica em crônica, descobrimos que ele era um verdadeiro poeta e que guardava seus tesouros em um caderninho que escondia embaixo do seu colchão. Sim; ele era obrigado a esconder, porque fazia parte das normas de segurança não permitir papéis no quarto, como forma de evitar incêndios. Mas como privar um poeta, no alto de sua lucidez, de escrever? Seria como condená-lo à morte, e dessa forma tornei-me seu cúmplice.

Experiências como essas com Dona Ravena e com o sr. João/José fizeram com que eu refletisse acerca do tempo, tão singular naquele lugar. Nunca presenciei um espaço onde o presente fosse tão vivo. Afinal de contas, era tudo o que se tinha, já que do passado se apagaram rastros e sobre o futuro... não se podia confiar no futuro.

Com o passar do tempo, também comecei a desconfiar do futuro. Cada visita era um misto de expectativa de encontrar aqueles mesmos rostos e medo de não encontrá-los. Dona Ravena, aos poucos, foi se debilitando, começou inclusive a gaguejar e a esquecer suas ladainhas e histórias; os olhos também não brilhavam mais. Voltava-se para si como que tentando encontrar sentido para aquilo que declamava. Certo dia cheguei e ela já não estava mais na varanda.

Pouco tempo depois, me desliguei do Cia. da Gente, mas certo de que ele nunca se desligaria de mim. Percebi que o tempo não existe e que nada mais é do que vestígios da nossa história; que a caminhada pode ser simples e mesmo assim bela, porque é única; e que o coração e a mente são mochilas. Por isso, leve apenas o essencial nessa caminhada rumo à luz, até se fundir com ela.

BRENO VILLAS BOAS

é ator e arte-educador pela Universidade Federal de Ouro Preto e estudante de Tecnologia em Marketing pelo Centro Universitário Faculdades Metropolitanas Unidas. Atualmente é professor de Artes da Rede Municipal de Educação de São Paulo e professor de teatro do projeto *Memórias Construídas*, uma realização da OSCIP Via Cultural.



Na companhia de “muitas gentes”

Rafael Carvalho

Falar da vivência compartilhada por mim e Luana Athaydes como arte-educadores e na Pediatria é falar de nossa primeira atenção ao ser humano e, ao mesmo tempo, enfrentar nossa atuação como criadores; afinal, a cada nova visita ao espaço hospitalar enfrentamos o imprevisto das situações cotidianas.

Éramos um grupo uníssono, a Cia. Adauto de Investigação Teatral. Unidos. Amigos. Juntos, já tínhamos viajado para diversos festivais com nossos espetáculos, colecionávamos prêmios e vivências. Precisávamos dividir nossas alegrias e conquistas. Contávamos com parcerias incríveis como a da Universidade Federal de Ouro Preto e o patrocínio da Fundação Gorceix.

Num primeiro momento, houve medo e apreensão; em seguida, identificamos um roteiro em que o nariz de palhaço nos “assegurava” um ambiente real de tratamento e cuidado aos pacientes ali presentes.

No início do projeto, enfrentamos dias de Pediatria vazia; noutros, dávamos atenção especial aos pequenos pacientes ali presentes. Também ampliamos nosso olhar aos idosos que ficavam ociosos nos leitos ao lado dos quartos infantis. E, nessa constante, fizemos amigos que voltaram para suas casas, outros que mal nos olhavam nos olhos e, ainda, os que nos deixaram órfãos de seus olhares atentos. Dias como esses nos comoviam profundamente, mas sabíamos da importância do breve instante de alegria e acolhimento que nosso trabalho refletiam nessas vidas.

Viver essa experiência foi a oportunidade que tivemos de adentrar num mundo pessoal, nos instantes em que, fragilizados, nos vemos mais atentamente e podemos nos abrir mais. Jamais esqueceremos da tarde na qual, por acaso, encontramos no leito três lindas senhoras. Nós, como os clowns Dr. Zão (eu) e Dra. Sara Cura (Luana), perguntamos qual eram seus nomes. As três eram Marias. Ali surgiu o Coro das 3 Marias, as três estrelas que conosco cantaram e chamaram atenção da enfermeira-chefe, que veio nos repreender por causa do barulho. Ou o dia em que travamos uma enorme guerra de bolinha de sabão contra a “Tia-Bete”, apelido dado à traiçoeira doença diabetes, que acometia a maioria de nossos coleguinhos atendidos.

Essa desordem do caos foi inevitável para traçar nossos dias e fortalecer o projeto, que especificamente na Santa Casa atendia pelo codinome SUA – Sistema

Único de Alegria.

A primeira fase foi de aproximação e reconhecimento, a mais difícil, visto que tínhamos poucas referências específicas sobre Teatro e Educação Especial. Assim, iniciamos uma prática pautada na pesquisa do corpo e na ludicidade do jogo teatral. Esse casamento nos permitiu criar um pensamento no qual o cotidiano precisava ser estimulado, e, aos poucos, percebemos avanços. Afinal, queríamos sempre mais, pois acreditávamos no desenvolvimento daquelas pessoas, por mais impossível que fosse a locomoção física delas, ou o entendimento lógico das propostas de jogo, ou mesmo que fossem privadas da fala e da audição. Era necessário compreender que, sem olhá-las com os olhos delas, nunca as alcançaríamos como desejávamos. Percebemos que cada dia deveria ser uma vivência única, pautada na alegria, no conforto, na simplicidade. Com isso, aprendemos a nos comunicar.

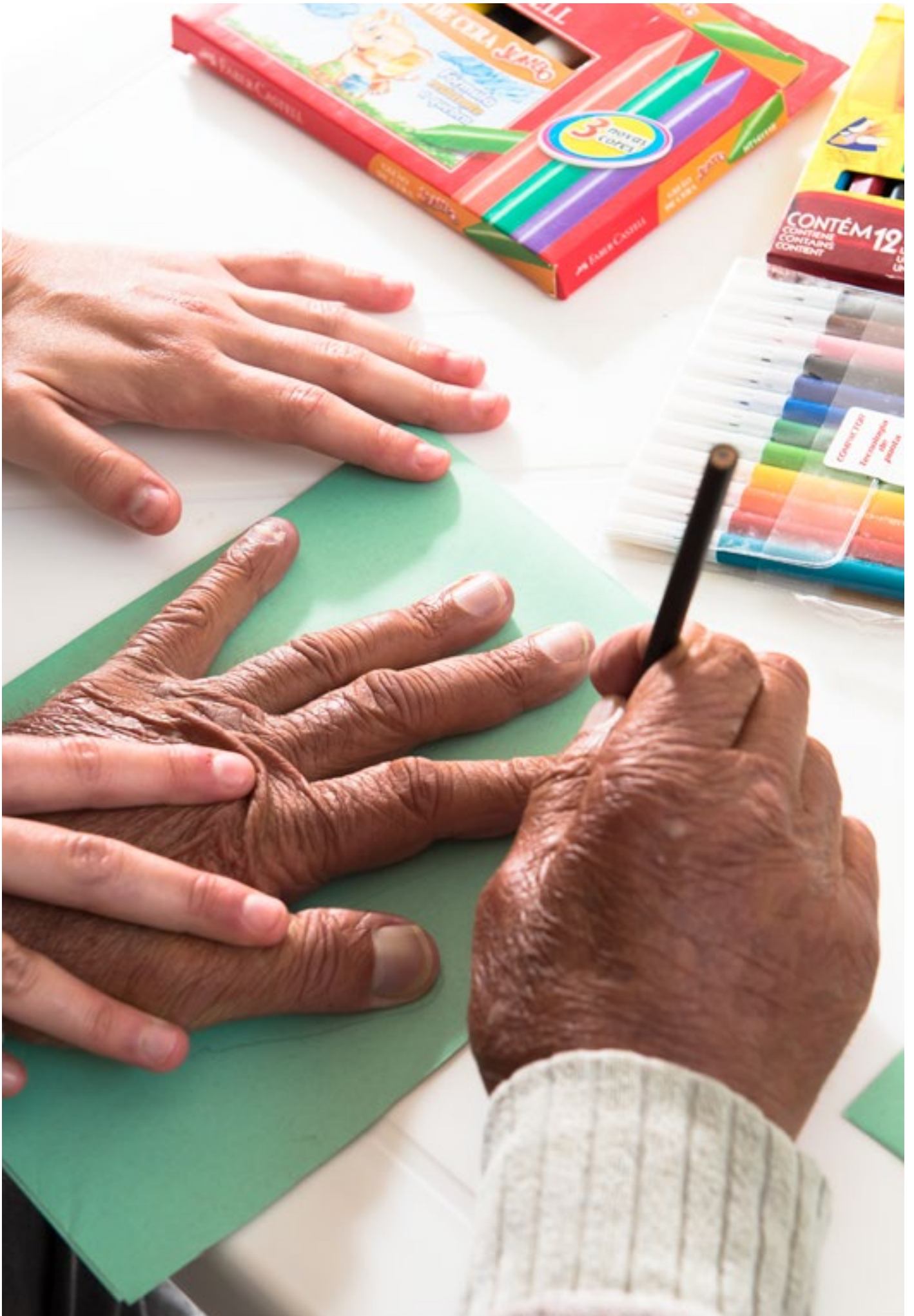
Ao final de nossa experiência na instituição, participamos do Festival de Artes da APAE (2007) com o espetáculo *A Incrível Jornada da Cura em Busca do Sim e do Não*, baseado na obra *Aquele Que Diz Sim & Aquele Que Diz Não* (1930), do dramaturgo alemão Bertolt Brecht. A base de pesquisa com o teatro didático de Brecht foi a mola propulsora para criarmos um espetáculo no qual a voz autônoma era somente dos alunos. Afinal, onde queríamos deixá-los depois de nossa partida?

Todo o processo de criação do Cia. da Gente foi feito na coragem e vontade de apreender vivências na área da arte-educação. Éramos curiosos e apaixonados. Tínhamos como guia nossas crenças e a formação acadêmica em curso. Nos reuníamos e trocávamos nossas dores e saberes, ríamos e chorávamos. Nos fazíamos verdadeiramente cientistas em pesquisa de campo. Aprendemos muito nesse processo, criamos vozes dentro de cada uma das instituições atendidas, nos fizemos necessários. Mas sabíamos que a real necessidade estava nos olhares e sorrisos de nossos mais valiosos parceiros, o nosso público-alvo, que gostávamos de classificar como: infantossenil.

Não poderíamos deixar de relatar a presença de nossos parceiros no projeto – Douglas Garcia, Romênia Reis, Breno Villas Boas e Paula Gotelip; que caminharam conosco na construção do pensamento filosófico que iniciou como um sonho e que hoje tem um vasto corpo artístico que apreende em cada uma de suas ações a verdadeira função da Arte-Educação.

RAFAEL CARVALHO

é ator, diretor, dramaturgo e arte-educador, formado pela Universidade Federal de Ouro Preto nas habilitações de licenciatura e bacharelado em Direção Teatral. Graduou-se em 2008, exerceu diversas atividades, e atualmente é professor das disciplinas de Montagem e História do Teatro no Curso Profissional de Ator do Teatro Escola Macunaíma (SP), e artista orientador do Projeto Vocacional Teatro, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Além disso, escreve mensalmente para a coluna “Recortes de Cena”, do site Ator Criador.



Minha experiência com o Lar São Vicente de Paulo

Ana Paula Hubli

Depois de vários anos distante da UFOP, de repente apareceu no meu Facebook a Adriana Martins, me perguntando sobre o surgimento do Cia. da Gente de Ouro Preto.

Quem teve a ideia de formar um grupo e propor uma ação para integrar os trabalhos de estudantes de Artes Cênicas com a comunidade ouro-pretana foi a Paula Gotelip, que sempre teve um forte espírito empreendedor, além da capacidade de reunir pessoas e articular projetos.

Naquela época, a Maira Goreti tinha feito um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que foi simplesmente maravilhoso. Era *O Teatro de Sombras de Ofélia*, que tinha um elenco excepcional: Rafael Carvalho, Breno Villas Boas, Romênia Reis e a Luana Athaydes. Foi um encontro de pessoas, de linguagens e de propostas.

Um dia, a Paula Gotelip chegou na Universidade muito feliz, anunciando que tinha um novo projeto, que havia conseguido um vínculo com a Fundação Gorceix, e que tinha várias ideias na cabeça e que precisava da nossa ajuda. Era um projeto de integração da comunidade acadêmica e a comunidade ouro-pretana, e que deveríamos articular propostas de intervenção em alguns centros comunitários, um deles, o Lar São Vicente de Paulo. Fomos divididos em duplas e designados para agir em um local. Meu companheiro foi o Breno Villas Boas, que tinha uma alegria contagiante e um coração enorme.

Trabalhar em um asilo foi uma experiência que nos pegou de surpresa. Breno e eu tínhamos muitas ideias, planejávamos nossas ações, mas, toda vez que chegávamos no Lar, tudo saía completamente diferente do que havíamos planejado.

Foi assim que aprendemos muito. Foi uma experiência enriquecedora, e estou muito feliz de saber que a ação continua e que ainda hoje outros estudantes podem passar por esta experiência.

Acredito que tanto eu quanto o meu parceiro Breno tomamos vários choques de realidade cada vez que descíamos a rampa do Lar e entrávamos na sala principal, nos leitos. Universos paralelos que se cruzavam quando nos encontrávamos com os nossos anciões. Lembro-me da força que me era transmitida ao olhar nos olhos de cada um deles. Era uma vida que transbordava. As mãos eram, em geral, trêmulas, sem força. A pele era seca e enrugada, os cabelos grisalhos. Algumas vozes eram sussurros que saíam com muito esforço de corpos cheios de história. Cada corpo continha uma fragilidade indubitável, mas também uma força sobre-humana. As memórias surgiam em-

baralhadas, caóticas. Como as vistas da gente quando estamos cansados ou mareados. Realidade e ilusão. Amores, desilusões, casos e causos.

Fraldas geriátricas, cheiro de sopa de carne, jalecos brancos, gritos e gemidos. Vômito. Náusea. Pomadas para assaduras. Na televisão o barulho de alguma novela. *Sessão da tarde, Vale a Pena Ver de Novo*. Bolo de cenoura, bastante leite. “E o que o senhor comeu hoje?”, pergunto. “Não me lembro, não, senhora. Você não é enfermeira não, né? Não gosto de injeção.”

Outro ancião guardava no colchão de seu leito um caderno de poesias. Não era permitido guardar papéis, perigo de incêndio. “Não contem para ninguém.” Uma senhora me chama: “Ei mocinha? Que dia é hoje?” Eu respondo: “Hoje é quarta-feira”. Ela abre um sorriso e diz baixinho, como se fosse um segredo: “Então é hoje que ele vem me pegar! Vou embora desse lugar!” Pergunto: “Ele quem?” Ela me responde sorrindo: “Meu filho. Ele vai me levar para casa de volta”. E é claro que ela repetia isso todos os outros dias. O filho aparecia algumas vezes ao ano para visitá-la, contava uma cuidadora. Tinha dia que era triste de doer. Saíamos de lá chorando por fora e por dentro. E tinha dia que era lindo, éramos presenteados com uma vontade de viver, vontade de cuidar de si e do outro. Aproveitar cada dia, viver mais e melhor.

Naquele tempo, tínhamos uma professora na Universidade, a Sandra Parra, que havia estudado Artes do Corpo, e nos dava algumas noções sobre terapia corporal, psicoterapias e tantas outras coisas relacionadas à expressão corporal. Eu gostava muito dessas aulas, acabei pesquisando mais coisas e descobri a Arteterapia. Busquei mais informações na Universidade, achava que muitas técnicas das Psicoterapias Corporais, da Fonoaudiologia e da Fisioterapia poderiam ajudar a trazer um pouco de alívio para alguns desconfortos dos asilados e trazer melhor qualidade de vida a eles.

Conversei com um geriatra que trabalhava lá, com uma enfermeira e alguns cuidadores. O trabalho desses profissionais parecia ser bastante tradicional. Nada de muito novo. Na ânsia de ajudar, na vontade de ajudá-los a se reabilitar, acabei descobrindo que o ator pode contribuir grandemente para as terapias de reabilitação física e emocional de pessoas debilitadas. Percebi que podia desempenhar o papel de artista também fora dos palcos, museus, picadeiros; podemos e devemos sair dos espaços destinados às artes.

Agradeço à Fundação Gorceix, ao Lar São Vicente de Paulo de Ouro Preto, ao Departamento de Artes Cênicas da UFOP e aos amigos que possibilitaram essa vivência tão rica e tão especial nos anos de Ouro Preto.

ANA PAULA HUBLI

é bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto. Trabalhou na área de Tecnologia da Informação em uma multinacional e, em seguida, fez intercâmbio na Alemanha, onde conheceu de perto a Pedagogia Waldorf. Voltou para São Paulo onde trabalhou como professora assistente na pré-escola e depois como professora de Artes na Rede Estadual de Ensino. Atualmente mora na Suíça, onde estuda Psicologia na Universidade de Berna.



“A presença do Cia. da Gente na Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto trouxe para a instituição mais humanização, minimizando o sofrimento, trazendo sorrisos e alegrias em um ambiente que muitas vezes remete à dor.

Humanização é a palavra que descreve os jovens do Cia. Eles proporcionam interação, descontração, relembram bons momentos e fazem a transformação das pessoas e do espaço.

São eles que tiram os nossos doentes do lugar de “paciente” e dão a eles a oportunidade de viajar do outro lado da história. O lado florido da história, onde se tem esperança, amor e valor envolvido, onde o que conhecemos como bondade na verdade é humano! O Grupo de Trabalho de Humanização da Santa Casa de Ouro Preto agradece imensamente pelo carinho.”

**ANDREZZA GUTZ
ELIAS MELLO**
Terapeuta ocupacional

**FLÁVIA COTTA
OLIVEIRA PERDIGÃO**
Psicóloga



Em busca da humanização na Santa Casa de Misericórdia

O Hospital da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto é uma instituição privada, sem fins lucrativos, administrada por uma mesa administrativa, eleita pela irmandade e composta por irmãos mantenedores. Fundado em 1735, foi o primeiro hospital a ser construído em terras mineiras.

Ao longo dos anos, a Santa Casa ocupou diferentes espaços na cidade e, no final do ano 2000, o hospital mudou-se para uma nova construção com aproximadamente 8.000 m², com 113 leitos instalados, localizada na Rua José Moringa, 620, bairro Bauxita.

Apesar das dificuldades enfrentadas nos últimos anos, o hospital sempre procurou cumprir com o seu objetivo principal, salvar vidas e praticar a filantropia.

A instituição funciona 24 horas por dia, possui uma equipe de aproximadamente 420 funcionários, 109 membros do corpo clínico, com serviços especializados em cardiologia, pediatria, obstetrícia, neurologia, endoscopia, ortopedia, cirurgia plástica (pequenas cirurgias), hemoterapia e clínica geral.

O hospital é o único da região a ter uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). A UTI oferece 10 leitos e é responsável pelo aumento expressivo de pessoas que recebem assistência à saúde na microrregião (Mariana, Ouro Preto e Itabirito).

O Cia. da Gente na Santa Casa

O Cia. da Gente surgiu a partir da necessidade da Santa Casa de Misericórdia de humanizar ainda mais o ambiente hospitalar. Usando a linguagem do palhaço, o trabalho teve início na área da Pediatria quando esta foi reformada pela Fundação Gorceix em 2005. Nesses 10 anos, diversas equipes de bolsistas deixaram suas experiências, sempre com o objetivo de proporcionar aos internados momentos de alegria por meio de atividades lúdicas.

O universo do palhaço alcança um lugar na sociedade que talvez poucos seres humanos são capazes de fazer quando estão em suas zonas de conforto. O palhaço não espera,

ele faz, se joga, erra, mas no erro encontra sua saída mais espetacular, sua vitória mais honrosa, pois errou, perdeu, e faz disso uma alegria para continuar tentando; é o único ser capaz de modificar qualquer ambiente em que esteja presente. A alegria contagiante levada por ele é a chave para um mundo menos dolorido e mais divertido. Ser palhaço não é somente fazer rir; é se doar ao máximo, nunca dizer adeus, apenas um até logo.

Ações em 2014

Alguns médicos do hospital desenvolviam sessões individuais com afásicos, quando perceberam o potencial da socialização por meio da música e convidaram os integrantes do Cia. da Gente para participar das sessões.

Aconteceram encontros semanais nos quais a musicalização e a dramatização eram exploradas como atividades lúdicas com a linguagem do palhaço. Nos encontros havia o foco na dicção por meio do canto. A coordenação motora e a percepção rítmica eram estimuladas a partir de instrumentos musicais, e a socialização se dava por conversas com outros pacientes que passaram por processo de reabilitação com a mesma metodologia.

No segundo semestre de 2014, foi incluído no projeto o apoio da Pedagogia, que foi de grande importância não apenas para o grupo do hospital, como também para o Cia da Gente, e as práticas pedagógicas se uniram às práticas da palhaçaria.

O ser Palhaço e o ser Pedagogo são distintos, contudo, unidos no contexto hospitalar, provocam um ambiente mais humano e alegre. Ser palhaço pedagogo pressupõe uma sensibilidade para lidar com o ambiente e com as pessoas nele presentes, mesclando a alegria e o riso na terapia como proposta de promover o bem-estar dos pacientes.

Trabalhar em hospitais com a arte da palhaçaria exige muito cuidado e atenção, respeito mútuo e sensibilidade extrema. O trabalho de palhaços no ambiente hospitalar gera uma experiência única, forma contato com o ser humano em seu estado de maior fraqueza, tanto física como emocional.

Ao longo do ano, este trabalho permitiu a evolução da pesquisa de como as atividades do teatro, da pedagogia e da música podem contribuir com o ambiente hospitalar.

Texto: Cláudio Emanuel Santos de França





DEPOIMENTOS

“O projeto proporciona uma experiência transformadora no processo de formação pessoal e profissional do artista-educador, e desperta a sensibilidade para compreender e aceitar o outro na sua diferença. É possível ensinar, aprender e fazer arte com qualquer ser humano.

Todos precisamos de afeto, encontro, arte, prazer, conhecimento e cuidado.”

ISABELA DE PAULA GOMES

Curso de artes cênicas

“Acredito no Cia. da Gente como um lugar muito eficiente de prática no campo da licenciatura no que concerne à sensibilização do sujeito em formação. Buscar novas práticas pedagógicas que auxiliem a superar as dificuldades dos atendidos é um exercício de burilamento de nossa profissão no viés arte e educação.”

ITAMAR SALVIANO BORGES

Curso de música

“Ao integrar o projeto Cia. da Gente, optei por trabalhar na equipe do hospital para ter a oportunidade de adquirir uma experiência multidisciplinar e rica em sorrisos.

A troca de conhecimentos que a equipe me proporcionou foi ímpar, tanto profissional quanto pessoal; o contato com os cursos de Música e Artes Cênicas abriu horizontes para o meu trabalho pedagógico.”

DAYANA FERREIRA

Curso de pedagogia

“Comecei no projeto Cia. da Gente como voluntário em setembro de 2011. Parece que entrei na universidade cursando Cia. da Gente e fazendo extensão nas Artes Cênicas. Antes de chegar na Santa Casa, atuei em outras instituições atendidas pelo projeto.

Assim que cheguei no hospital, minha atuação junto com os colegas da música e da pedagogia permitiu uma pesquisa continuada sobre o trabalho de palhaço em diálogo com outros campos do saber.

CLÁUDIO EMANOEL

Curso de artes cênicas



Na companhia do carinho e do afeto na APAE de Ouro Preto

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Ouro Preto – “Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani” foi fundada em 1982 com o objetivo de integrar e orientar os processos de educação e assistência às pessoas com deficiência. Essa instituição atende cerca de 190 educandos, distribuídos em três turnos.

A equipe da APAE é composta por 53 profissionais (professores, terapeutas, enfermeiras, fonoaudiólogas, etc.), além dos funcionários da própria APAE (secretárias, auxiliares de serviços gerais, cuidadores, entre outros). A APAE é gerida por duas diretorias: Diretoria Filantrópica, composta por 22 pais de educandos da instituição, e Diretoria Pedagógica.

A APAE atende pessoas com diversos tipos de deficiência, o que exige atenção de uma multiplicidade de profissionais. Os trabalhos desenvolvidos são pensados com o intuito de contemplar a diversidade dos casos. Para tanto, a instituição permite aos professores formação continuada como meio de manter uma equipe altamente capacitada para o atendimento das atividades de ensino e de aprendizagem.

O Cia. da Gente na APAE

O projeto começou na instituição em 2005 com o intuito de criar, planejar e executar ações que favorecessem o desenvolvimento do potencial criativo, as habilidades cognitivas e corporais e a sociabilidade dos sujeitos. O Cia. trabalha com música e teatro em seus caminhos de arte-educação, valendo-se do trabalho colaborativo, da troca de diálogos, da troca de conhecimentos e das relações mais humanizadas.

A atual equipe do Cia. da Gente responsável pela APAE conta com a participação de nove alunos da UFOP: cinco estudantes de Artes Cênicas, três de Música e um de Pedagogia. As atividades planejadas por eles são desenvolvidas todas as sextas-feiras em três turnos. Ao final de cada ano é apresentado um espetáculo cênico-musical, fruto das vivências conjuntas da equipe do Cia., dos alunos e dos professores da APAE.

Na criação cênico-musical, o referencial é o olhar sensível e cuidadoso sobre os alunos, buscando na pluralidade de seus corpos – diversidade de cognições e percepções – estímulos para os processos criativos e para a realização da encenação.

Ações em 2014

Ao longo do ano, o Cia. promoveu na APAE diversas apresentações artísticas nas festas comemorativas, como por exemplo: Páscoa, Festa Junina, Festa da Primavera. Nesses momentos, pôde-se perceber a alegria dos alunos e a superação das deficiências.

Todas as etapas de criação e execução foram feitas

com cuidado, amor, dedicação, empenho e desejo, sinalizando uma característica da equipe: “estar ali por querer estar ali”.

Em 2014, o título do espetáculo foi *Folheando o Mundo*. O tema destacou a literatura com foco na cultura popular brasileira. As histórias saltaram das páginas e alcançaram expressões corporais. A dramaturgia se compôs da música, da dança e do teatro, criando formas imagéticas, sonoras e visuais, às quais foram incluídos traços da tradição oral para que todos, na medida das suas limitações, pudessem participar.

O processo, ao mesmo tempo em que foi prazeroso e envolvente, foi desafiador. As realidades e especificidades de cada aluno foram melhor percebidas, os laços entre educador e educando foram estreitados e as potencialidades de cada um, descobertas. Tais momentos prazerosos e envolventes permitiram à equipe do Cia. da Gente na APAE conhecer a dinâmica do engajamento dos participantes, contornar os desafios que surgiram no meio do caminho e perceber todos os envolvidos no processo de criação, produção e execução do espetáculo – a equipe do Cia. da Gente da APAE, os professores e, principalmente, os alunos.

Segundo a diretora Nádia Ibrahim, o Projeto Cia. da Gente é de grande relevância nessa instituição, pois ela “não consegue mais visualizar a APAE sem este trabalho, porque os educandos esperam ansiosos pela chegada da sexta-feira, dia que é tomado pela alegria e pelo movimento dos estagiários de Artes Cênicas, Música e Pedagogia da UFOP”. A presidente voluntária da APAE e mãe de um dos alunos da instituição, Maria Imaculada Ângelo Gonçalves, completa dizendo que “o Projeto Cia. da Gente é o maior projeto que a APAE tem hoje. Veio para fortalecer os trabalhos. Os alunos do projeto têm um carisma muito especial; são de uma grandeza sem igual para com todos”.

Maria José Dias, mãe de dois alunos da instituição, afirma que “Não tem como ser falado. Tem que ser vivido para ver e sentir o quanto é bom, o quanto a gente se diverte e aprende com toda a equipe e com as crianças da APAE”. Pode-se dizer que participar do projeto Cia. da Gente, num lugar com tanta diversidade e desafios como a APAE, é um “divisor de águas” na vida de cada um. O aprendizado de todos na instituição é incomensurável. Afinal, os encontros são marcados por descobertas e as experiências são transformadoras.

Texto: Almiro Ebani, Ana Gabriela de Souza Santos, Bella Santos, Daniel (Torquete) Barbosa, Eutiquio Fernandes da Fonseca, Gabriel (Cafuzo) César Pereira, Isabella Nunes de Moraes, João Paulo Oliveira (Jotapê Antunes), Suttane Queiroga Hoffmann e Vanessa Andrea Gonçalves Teodoro.

“Há 10 anos o Cia. da Gente chegou à APAE de Ouro Preto. Há 10 anos nossa escola se transformou em alegria. Com eles vieram os sorrisos, as lágrimas de emoção e o tempo de ser feliz. Agradecemos ao Cia. da Gente por toda essa carga de emoções que despejam em nós. Que venham mais 10 anos.”

**NADJA
MARIA GOMES
HIBRAIM COSTA**
Diretora.



Coordenadoras da APAE:
Maria Imaculada Angelo Gonçalves (presidente)
Nadja Maria Gomes Hibrain Costa (diretora)
Mara Regina Ferreira Guimarães (vice-diretora e pedagoga)
Rosilene Valentina (pedagoga)

DEPOIMENTOS

“É importante porque é muito interessante, que gosto muito, de todo mundo ensaiar todo mundo aqui, na escola aqui, todo mundo, é participar pra apresentar, pra elogiar todo mundo aqui na escola, na APAE, todo mundo. Que o teatro dá muito sucesso na vida hoje, muito elogioso, muito interessante...”

MILTON HENRIQUE DOS SANTOS
9 anos na instituição, 32 anos de idade

“Gosto do trabalho. Acho interessante porque é pra aprender o negócio de teatro. O projeto melhora e muito a APAE porque ele une tudo.”

JOÃO CARLOS ARRUDA DE OLIVEIRA
10 anos na instituição, 18 anos de idade.

“É importante porque é muito bom, distrai a gente... Eu queria dizer que minha avó faleceu, fiquei muito triste, fui pro teatro, aí esqueci. Ajuda a esquecer os problemas.”

LAERTE DOS SANTOS BARBOSA DA SILVA
10 na instituição, 23 anos de idade

“O ruim foi só aquele dia que a gente ficou sentado o tempo todo, porque tem horas que a gente fica com a perna até doendo. É importante e como é! Porque eu adoro o teatro, o teatro é a coisa mais bonita que já teve, a gente sente tão feliz, sente uma coisa tão boa no coração.”

MARA CRISTIANA XAVIER FRANCA
17 anos de idade

“Cês tão ensinando eles a participar de um teatro, que eles não tem cabeça pra eles ta dominando os trem, cês ensinando eles, eles ficam mais satisfeitos, ficam todo satisfeito, né? Que quando fala que é teatro, pra eles é uma alegria, né? É importante demais, pra eles é uma maravilha! E para a APAE também é importante, que o último teatro que fez, os pessoal tava até pensando em repetir fora, só que eu não sei o que aconteceu que não deu, que o povo vai e ficou, que, na hora lá, todo mundo até chora... É tão bonito, que a gente fica todo emocionado... que é uma coisa muito bem trabalhada, tudo organizadinho, bonitinho, não tem erro, não tem falha, não tem nada, nó, é maravilhoso!”

**ROSILENE MARIA COTA
DE FARIA FERNANDES**
Cozinheira na APAE há 2 anos e 5 meses

“É animado. Gosto de brincar com os meninos do teatro, cantar no violão, dançar e brincar com as crianças.”

MARCELO CLÁUDIO ALVES
50 anos de idade







Na companhia da alegria das crianças da Pastoral

“A gente desenvolveu um trabalho lá na comunidade do Morro Santana e depois a gente expandiu lá para a comunidade do Taquaral. E foi muito importante as atividades com os adolescentes. E até hoje continua nos ajudando muito, porque, se não fosse o projeto, a gente não teria como desenvolver atividades com as crianças. Então foi muito legal o final de ano com a peça de teatro! Na época era a Romênia, a Paula, o Douglas... tinha o Douglas também, tinha o Carlos. Eram os quatro que participavam na época com a gente.”

LUCY DA SILVA DUTRA
Presidente da Pastoral da Criança de Ouro Preto



Em 1993, o arcebispo de Mariana, Dom Luciano Mendes, inaugurou a Pastoral da Criança e do Menor no bairro Santa Cruz, em Ouro Preto. A Pastoral conta com uma pequena cozinha, que produzia refeição para os alunos, voluntários e funcionários da instituição. Em 2002, a Pastoral mudou-se para o galpão da antiga fábrica de vassouras no bairro Taquaral, que estava fechada por aproximadamente dez anos. Nesse “novo” prédio, onde funciona atualmente a Pastoral da Criança e do Menor, a cozinha foi ampliada de modo a atender a demandas maiores, segundo a atual responsável pela Pastoral, Lucy Dutra.

De 2010 a 2013, a Pastoral da Criança e do Menor administrou um prédio no bairro Piedade, cedido pela Associação de Moradores. Ali foram oferecidas aulas de Teatro e Música para alunos do bairro e das adjacências. No entanto, foi devolvido por falta de condições da Pastoral para mantê-lo.

Para além da atuação do Cia. da Gente, de modo a suprir a carência de um Posto de Saúde, a Pastoral tem realizado recentemente atendimentos médicos, cedendo seu espaço para que as consultas aconteçam pelo menos duas vezes ao mês. Também foi inaugurado em 2014 um telecentro, com curso de informática básica, ministrado por um monitor e mantido pela Câmara Municipal de Ouro Preto.

Atualmente a Pastoral da Criança e do Menor está localizada no bairro Taquaral, em Ouro Preto, sendo um espaço da comunidade para a comunidade, e representa um ponto de encontro e de referência cultural para os moradores. Seu principal objetivo é acolher jovens e crianças da localidade, oferecendo-lhes, pela via das artes, informação e aprendizado que propiciem pensar o lugar e estabelecer relações entre o fazer artístico e o entorno social que os envolve.

O espaço cultural conta também com uma cozinha industrial, na qual são produzidos basicamente, por mãos voluntárias, biscoitos, bolos, salgados e também refeições, que são oferecidas às crianças que estão no espaço na hora do almoço e no fim da tarde.

Os produtos são vendidos pela cidade de Ouro Preto e a arrecadação contribui, significativamente, para o custeio das despesas da instituição. Por semestre, em média, passam pelo circuito cultural 20 crianças e adolescentes. Assim, a Pastoral é a única referência e opção de lazer do bairro, que conta apenas com o adro da pequena Capela do Bom Jesus das Flores.

Cia. da Gente na Pastoral

As atividades do projeto ocorrem por meio da Música, da Pedagogia e do Teatro, tendo o objetivo de oferecer entretenimento, informação cultural e formação

artística. Nesse sentido, o projeto busca propiciar interlocução educativa entre os sujeitos, a vida do entorno e as expressões artísticas do corpo e da voz. Os caminhos trilhados permeiam temas como: trabalho em equipe, memória, identidade, organização e limpeza do ambiente da Pastoral, convívio em sociedade, cuidados com o corpo, questões sociopolíticas, entre outros caminhos. Desse modo, criam-se alternativas para a utilização do tempo livre das crianças e dos adolescentes, de idades entre 4 e 15 anos, com práticas não formais, descontraídas e lúdicas.

São crianças e jovens com pouco acesso aos bens culturais e carentes de espaços públicos de ocupação. Na Pastoral, encontram a oportunidade de aprender, interagir, descobrir, criar, brincar e praticar esportes. As oficinas do Cia. apresentam a arte como forma de expressão e de potencialização das competências individuais e coletivas. Espera-se com isso que os atendidos possam desenvolver a capacidade de reflexão e de atuação sobre a realidade sociocultural na qual estão inseridas.

Ações em 2014

Muitas foram as ações realizadas em 2014 na Pastoral da Criança e do Menor do Taquaral. O ano iniciou-se com a tradicional “colônia de férias”. Na ocasião, foram promovidas gincanas, jogos em geral, visitas ao ateliê da Cia. Navegante – Teatro de Marionetes, em Mariana, e ao Trem da Vale, em Ouro Preto. No segundo bimestre, houve um cortejo festivo por todo o bairro, com intensa participação das crianças na construção de standartes, músicas e composição de figurinos. No mês de junho, recebemos a ONG Consciência Jovem, de Santa Bárbara/MG, trazendo à Pastoral uma troca de conhecimentos e de amizade, além da apresentação da peça *Diversidades*. Para encerrar as atividades do primeiro semestre, produzimos uma pequena quadrilha e o espaço foi animado com uma bela festa. A fim de colocar os alunos em contato direto com o teatro e a música, eles assistiram ao espetáculo *Juju, uma história*, TCC de Artes Cênicas da hoje graduada Marta Babsky, apresentado no Museu de Ciência e Técnica da UFOP no dia 29 de agosto de 2014. O espetáculo continha um caráter de contação de história.

Em meados de setembro, pensou-se uma atividade voltada para a construção de uma esquete teatral, com um processo de criação cênico flexível, que pudesse sofrer alterações de quantidade de pessoas, funções, etc. Partiu-se de um texto dramaturgico de autoria de Fernando Augusto. O texto conta uma história de amor entre as cores branca e azul e, com toda a leveza possível, aborda temas cotidianos de uma relação amorosa, desde a fase da paquera, passando por separações até o matrimônio. Tudo numa linguagem que dialoga muito com o universo infantojuvenil. O texto foi lido para os alunos algumas vezes e começou-se a

pensar na melhor maneira de montar uma peça teatral. Após muitas ideias lançadas pelos alunos, ficou decidido realizar uma esquete com manipulação de materiais expressivos.

Em novembro de 2014, as crianças fizeram uma visita à ONG Consciência Jovem, em Santa Bárbara-MG, para apresentar aquela esquete da história de amor e também uma dança ensaiada pelas meninas. No fim do encontro, foi proposta uma roda de conversa, na qual os alunos de ambas as instituições fizeram questionamentos uns aos outros sobre os processos de apresentação e montagem das cenas. Por exemplo: como se sentiram apresentando pela primeira vez, quanto tempo demorou a montagem de cada peça, se tinham interesse em continuar fazendo teatro, etc. Foi uma tarde de muitas trocas e experiências.

O encerramento das atividades de 2014 na Pastoral da Criança e do Menor aconteceu com a presença de convidados da comunidade e das demais instituições atendidas pelo Cia. da Gente. Neste dia, houve apresentação do espetáculo A história da menina e os três bois, da equipe do Hospital Santa Casa de Misericórdia, e também da esquete.

*Texto: Isabela Olanda Rivair de Assis,
Thaís Lopes Santos de Azevedo, Osislaine Pereira Leal,
Fernando Augusto da Silva, Renato Algarves Magalhães,
Matheus Borelli dos Santos e Nathalia Pereira de Araujo*

DEPOIMENTOS

“Teve a época do teatro. Do pessoal lá do teatro. Tinha a época que nós fazíamos pano de prato, as fotos do matinho. Era bom, né? A gente não estava na rua, ficava fazendo as atividades, fazia passeio, ia na igreja.”

TAMIRES DE OLIVEIRA SANTOS

“A Pastoral é muito legal e divertida! Aqui a gente se diverte à beça e aprende muitas coisas, como atuar no teatro, compor algumas músicas e conhecer lugares legais nos passeios. Os professores e os amigos são muito bons, e, além de tudo, a humildade prevalece, né? Aqui você chega com medo de não conversar com ninguém, mas todo mundo é legal e logo você já está à vontade!

Valeu a todos do projeto Cia. da Gente!”
JÚLIO CÉSAR F. QUEIROZ







Na companhia do tempo no Lar São Vicente de Paulo

O Lar São Vicente de Paulo é um asilo localizado em Ouro Preto e funciona desde 1942. Hoje abriga 59 idosos, sendo 37 mulheres e 22 homens. A instituição possui 54 funcionários, que se revezam em três turnos de trabalho. O Lar é mantido por doações de pessoas físicas e empresas, além de repasses da Prefeitura.

O Cia. da gente no Lar

O projeto Cia. da Gente atua no Lar São Vicente desde 2005 e seu trabalho baseia-se na experimentação de práticas pedagógicas e não pedagógicas que dialogam teatro, música, arte visual, dança e artesanato, de acordo com as vivências dos idosos, que se encontram num estágio frágil da vida. Por isso, as atividades são realizadas de acordo com as necessidades e possibilidades do público-alvo, sempre com o intuito de potencializar suas capacidades individuais e de manter o caráter de troca que há entre os monitores e os idosos. O dia de atividade do Cia. no Lar começa com visita às alas masculina e feminina, com a intenção de convidar os internos a descerem até a sala onde normalmente são realizadas as práticas do Cia. Como uma minoria é frequentadora assídua das atividades na sala, constantemente as intervenções também ocorrem nas alas, nos quartos e nas áreas externas.

“Importantíssimo! Trabalhar com os idosos é gratificante.

Seria até bom ter mais.

Isso que vocês fazem é uma terapia.

Ajuda os idosos a não ficarem com a mania:

“ah... vou morrer...”.

Em 2005, quando o Cia.

iniciou suas atividades, eles eram muito fechados;

com as atividades, eles

foram se abrindo.”

GERALDO ILDEFONSO DE SALES

Presidente do Lar São Vicente de Paulo de Ouro Preto



Acreditamos que este lugar se encontra no campo do afeto. Escrever sobre afeto é uma tarefa ao mesmo tempo difícil e muito fácil. Ela é quente e fria. Dolorosa e carinhosa. A definição seria um paradoxo.

Ao longo desse trabalho no Lar, percebemos como o afeto, o ouvir, o sorrir, o encontrar e o se propor a estar ao lado deles é de extrema importância. Refletimos recorrentemente que a arte no Lar torna-se um dispositivo para o resgate de uma memória, de uma conversa, de movimentos para reabilitação, para diversão, para viver uma realidade e congregar em momentos únicos e efêmeros. Notamos diariamente a essencialidade do amor, do afeto e da paciência para com as pessoas que ali vivem. Poder ouvi-las e abraçá-las faz toda diferença, contribui para que eles se sintam pessoas importantes e queridas.

Nesse contexto, a arte, como potência criativa, consegue atingir o âmago das memórias e resignificá-las. Do mesmo modo, o “escutar” é uma das atividades que permite um retorno significativo na relação com o idoso. Isso porque, quando eles têm atenção, encontram paciência ao lado deles, espera, calma no olhar e no toque, respondem aos estímulos das atividades culturais. Estar de fato presente na manhã deles faz a diferença: leva-os a sorrir, desabafar, chorar, pedir coisas de que sentem falta, a se movimentar, cantar e até dançar.

A expressão corporal, a linguagem não verbal, mostra que há uma outra forma de percebê-los no seu ambiente cotidiano. A vida deles é extremamente parada e “torta”, pois a maioria, quando não está numa cadeira de rodas com as costas encurvadas, está sentada numa cadeira cochilando, esperando a vida passar. Claro que há exceções. Alguns senhores e senhoras mais ativos sempre se dispõem a alguma atividade. As atividades propostas pelo Cia. despertam sensações no corpo e na mente desses idosos. Ao mesmo tempo que temos que ser calmos e pacientes, temos que dar estímulos corporais.

Temos a impressão de que, com eles, estamos sempre no “entre lugar”, no “meio”, pois eles vivem momentos de oscilação entre o ser criança e o ser adulto. A vivência mesclada de solidão, abandono, tristeza e carência afetiva tende a contribuir para que eles tenham algumas atitudes infantis, como mudança de humor, querer tudo o que veem ou querer atenção o tempo todo. E algumas posturas de adulto, como relembra situações do passado com algumas atividades; se recusar a fazer atividades por receio de julgamento ou vergonha; afirmar que não sabem expressar sua sabedoria de vida. Em meio a essas reflexões e esses sentimentos é que propomos nossas atividades.

Ações em 2014

Um mediador artístico é, também, um profissional que aproxima as obras de arte do público, facilita o acesso à arte, tendo em vista o contexto e as circunstâncias onde esse público se encaixa. (PUPO, 2011, p. 114)

Semestralmente é feito um planejamento pedagógico. O tema de 2014 foi “Mediação artística: reinventando memórias em arte”. Um dos objetivos seria resgatar e valorizar a identidade cultural de cada sujeito. Para isso, levamos diversos gêneros musicais populares brasileiros como práticas pedagógicas que visaram salientar o valor cultural existente na memória dos internos do Lar. Algumas letras simples de um congado tradicional em Ouro Preto foram ensaiadas para cantoria coletiva.

Senhora do Rosário
Sua casa cheira 2x
Cheira cravo e rosa
Flor de laranjeira 2x

À medida que inserimos o gênero Congado por meio de músicas, vídeos e histórias, os idosos contavam suas lembranças sobre experiências vividas com essa manifestação cultural, revivendo acontecimentos diversos de anos mais floridos. Alguns contaram que acompanhavam a procissão da festa de Nossa Senhora

ra do Rosário e de Santa Efigênia. Posteriormente, trabalhamos com outra dança tradicional do Brasil: o Catopés. Nela, instrumentos que ficam amarrados nos pés foram construídos pelos idosos. Com base em cada gênero musical, construíram-se instrumentos de percussão utilizando latinhas, revistas e grãos de arroz e feijão. Tendo em vista de que a maioria dos idosos do Lar São Vicente de Paulo possui alguma dificuldade motora, e muitos são cadeirantes, propusemos a utilização dos guizos nos braços aos invés de nos pés.

Utilizamos também a manipulação de bonecos para contar, de forma lúdica, a origem daqueles gêneros musicais, estimulando a imaginação e instigando o conhecimento de uma forma expressiva do teatro. Ao mesmo tempo, o manuseio de fantoches por parte dos idosos atuou como uma forma de desenvolver as potencialidades motoras e expressivas corporais dos envolvidos nas atividades.

Com relação ao ambiente, percebemos que as cores que mais se destacam são o branco e o cinza. Segundo o Feng Shui, que é uma técnica chinesa milenar de harmonização de espaços, um local, para ser agradável de viver, não pode ter nem muitas cores claras nem muitas escuras. Inclusive, um local extremamente branco é mais propício a causar doenças e depressão. Pensando em como levar cores, vida e luz ao espaço, propusemos a elaboração de porta-retratos. Eles pintaram quadros grandes e pequenos nos quais foram fixadas fotos dos internos e, depois, os quadros foram pendurados pelos corredores, quartos e alas do Lar.

A atividade de colorir e humanizar o ambiente nos levou a outros campos que nos deram outros retornos. Com a exposição das fotos de todos nas paredes, eles puderam se reconhecer e reconhecer o outro nelas. Tal processo auxiliou nos resgates da memória e da autoestima. Como eles passam muito tempo sem se olhar no espelho, a atividade causou boas reações e transformações: primeiro, pelo fato de se verem refletidos num coletivo; segundo, ao terem certo distanciamento deles próprios e aguçarem a autocrítica, analisarem a si mesmos e chegarem a propor mudanças neles mesmos e nos outros.

Após essa experiência, criamos outros enfeites: mandalas e pequenos quadros que eles pintaram para revigorar o espaço de convivência. Exploramos cada vez mais atividades que proporcionassem momentos alegres e valorizassem a autoestima. Experimentamos cortejos cênico-musicais, atividades com maquiagens, massagens, penteados e improvisações cênicas.

*Texto: Joice Rocha Maia, Nathane Alves Cruz,
Tabatta Thiago Iori, Ana Paula Manfrin,
Shirley Fideles Figueiredo e
Vinicius Amorim Almendros*

1. <http://www.personare.com.br/dicas-de-feng-shui-para-o-quarto-de-dormir-m5529>
Acesso 07/10/2014 - 20:00 horas.

DEPOIMENTO

“De uma forma geral, eles ficam muito parados, ociosos. Só o fato de eles saírem um pouquinho, se deslocarem, desenharem, ouvirem uma música, ou fazerem uma atividade manual, isso tudo contribui para a coordenação motora, para a memória e para o entretenimento. Por exemplo, Dona Terezinha fica ali chorando, querendo atenção. De repente vocês conversam com ela, ela fica feliz. Isso os ajuda também; é como uma terapia. Eu acredito o trabalho de vocês aqui ajuda bastante.”

MARIA GERALDA DA SILVA
Técnica de enfermagem







“Para promover um desenvolvimento saudável para crianças e jovens e alcançar o pleno desenvolvimento de suas potencialidades, a sociedade, por meio do Estado, precisa assegurar mecanismos de educação, proteção social, inclusão, promoção e garantia de direitos da criança, do adolescente e da família.

Nesse contexto, mostra-se a importância das parcerias com outras instituições do município e a diversidade de atividades para a criança e o adolescente. Com o projeto Cia. da Gente, mantido pela Fundação Gorceix em parceria com a UFOP, o serviço prestado pelo CAPSi abre as portas para novas possibilidades de intervenção. Com essa contribuição e as especificidades dos problemas, uma leitura com abordagens da teoria em diálogo com a prática faz surgir as particularidades do sujeito para além das demandas. É através destes trabalhos em grupo que a criança e o adolescente aprendem a interagir com outras pessoas. O processo se desenvolve de forma lúdica e na brincadeira acontece a conjugação e a síntese entre o pensamento e a ação, entre o abstrato e o concreto.”

**CHRISTINE
VIANNA ALGARVES
MAGALHÃES**
Coordenadora
do CAPSi



Na companhia do cuidado e da atenção no CAPSi

Os serviços dos CAPS surgem com a finalidade de banir os hospitais psiquiátricos, fazendo um trabalho com ênfase na inserção social e educacional dos sujeitos ali atendidos. O CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infantil) que funciona na cidade de Ouro Preto é fomentado pela Prefeitura e filiado à rede da Secretaria de Saúde, além de ser considerado um CAPS referência no atendimento de crianças e adolescentes no Brasil, mesmo diante das dificuldades enfrentadas anteriormente relativas ao espaço físico.

O CAPSi funciona há 11 anos em Ouro Preto e é referência no atendimento à saúde mental infantil. Sua abrangência social é muito grande, já que atende crianças a partir dos 2 anos até adultos. A instituição contabiliza em seus registros mais de mil prontuários de usuários.

O atendimento feito pelos profissionais do CAPSi abrange também os familiares e, dependendo da situação da criança-adolescente, a equipe ainda faz intervenções no ambiente escolar.

O objetivo do serviço do CAPSi é prestar assistência ampla e integrada à criança e ao adolescente com transtornos. A instituição oferece cuidados clínicos e psiquiátricos e reabilitação psicossocial e educacional aos usuários e familiares, com a assistência terapêutica necessária, trabalhando, portanto, na saúde e na educação.

Para que o atendimento seja feito de forma que o paciente tenha um acompanhamento satisfatório, a equipe de profissionais trabalha de forma interdisciplinar. Essa equipe é composta por: terapeuta ocupacional, psicopedagoga, assistente social, enfermeiro, médico psiquiatra, psicólogos, fonoaudiólogos, coordenadores de oficinas terapêuticas e administrativo.

O projeto Cia. da Gente, considerando todos os benefícios que a arte-educação pode proporcionar aos usuários do CAPSi, oferece propostas lúdicas, artísticas, de forma inclusiva, com a intenção de trabalhar com os usuários temáticas que os auxi-

liem na socialização fora do ambiente de atendimento e que também desperte o senso crítico e a conscientização do espaço que eles ocupam na sociedade. Sendo assim, o projeto contribui de forma positiva, tanto para a formação dos bolsistas que atuam na instituição, quanto para os usuários e funcionários.

Cia. da Gente no CAPSi

Em conjunto com a equipe do CAPSi, os bolsistas do Cia. da Gente decidiram os dias de trabalho na instituição e em qual modelo seriam feitos esses atendimentos.

O atendimento da equipe do Cia. da Gente no CAPSi acontece três vezes por semana, quando são atendidos os usuários autistas. A abordagem utilizada com eles é o atendimento em dois pequenos grupos de 40 minutos, enfatizando a interação das crianças, fazendo intervenções com objetivos simples, procurando estabelecer contato social entre os atendidos, promovendo a convivência entre o grupo. A equipe leva atividades nas quais as crianças interajam entre si, com dinâmicas curtas e foco na interação.

Adolescentes e jovens adultos com síndromes diversas são atendidos em separado. É um grupo pequeno por enquanto, pois o encaminhamento dos usuários por seus respectivos profissionais de referência ainda vem sendo feito. Partindo dos interesses específicos desse grupo de atendidos, optamos por dar mais ênfase ao jogo teatral, expressão corporal, contação de história, criação de personagens e outras dinâmicas voltadas para a encenação. A princípio, as atividades se configuram como mais uma via de experimentação cognitiva e física.

Em outros momentos, os atendimentos são realizados com a participação dos pais dos atendidos; nesse caso, o foco maior é a música. Na oficina, os usuários escolhem músicas para cantar e tocar, fazem uma espécie de *talk show*.

Texto: Heloisa Danielle da Silva, Dayana Cristina de Jesus Ferreira e Paulo Henrique de Aguiar

“Vejo que a aceitabilidade do projeto Cia. da Gente, tanto pelos usuários quanto pelos profissionais do CAPSi, tem sido ótima. Existe uma demanda de usuários que se interessam pelas oficinas oferecidas e demonstram interesse em participar, além dos pais, que sempre demonstram satisfação com as atividades que realizamos com as crianças.

Nos cinco meses de atuação no CAPSi, me deparei com muitos desafios que me fizeram refletir sobre minha prática pedagógica e sobre minha concepção de inclusão, principalmente com os usuários autistas.

Espero que nos próximos meses eu possa aprimorar cada vez mais minha atuação, sendo cada vez mais reflexiva, e que obtenha os resultados almejados.

Por hora, o que extraio desses meses de atuação no CAPSi é que, em pequenos passos, com objetivos singelos, pode-se conseguir grandes resultados com crianças e adolescentes que estão em situação de inclusão social.”

DAYANA FERREIRA
Curso de Pedagogia

“Atuar na saúde mental infantil tem sido muito desafiador e também muito gratificante. Acredito que a arte seja uma ferramenta fundamental no processo de inclusão, porque através dela nos encontramos na diferença, e cada diferença é fundamental.

E no CAPSi procuramos mostrar uma arte que é sensível, democrática e não exclui.

E o que eu espero do projeto na instituição é que, por meio das oficinas e atividades que ministramos, os usuários se sintam encorajados a explorar suas habilidades e sua capacidade de se expressar e criar.”

HELOÍSA DANIELLE DA SILVA,
Curso de Artes Cênicas







E o futuro do Cia.? O que dizer?

Marco Flávio Alvarenga e Fernanda Aparecida O. R. Silva

Olhar o Cia. da Gente em uma perspectiva de futuro é, no mínimo, instigante! Primeiro, o recurso ao dicionário nos ajuda a compreender a palavra: “do latim *projecto*, particípio passado de projiceie, lançar para diante. Plano, intento, desígnio. Empresa, empreendimento. Redação provisória de lei. Plano geral de edificação”.

O ato de projetar algo, de lançar para adiante, é entrar em uma dimensão de esperança e de limites. Talvez sejam estas as características mais marcantes de um projeto: limites e esperança. Limites porque a todo ano precisa-se prever sua continuidade, seu orçamento, sua estrutura e sua coordenação. Esperança porque um projeto se relaciona com futuro. Um projeto guarda uma dimensão de esperança ao relacionar-se com o futuro e começar a realizá-lo. Portanto, esperança e futuro se relacionam na medida em que necessitam da prática. Freire (Pedagogia da Esperança, 2006, p.11) ajuda a entender a esperança nessa dimensão. “Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.”

Um projeto nasce da esperança de que algo possa acontecer e este acontecer é a própria história das existências individual e coletiva.

O projeto Cia. da Gente parece se inserir nesse pressuposto. E mais. Continua se (re)elaborando e se incrementando na prática educativa.

As perspectivas de longevidade do projeto Cia. da Gente são amplas, visto que atendemos um público diverso e em constante crescimento no Brasil: crianças, jovens, adultos e idosos. As possibilidades de ampliação de parcerias e de atendimento também são fartas em virtude das muitas fronteiras dialógicas com outras áreas de conhecimento, como a medicina, a fisioterapia, a comunicação e a terapia ocupacional, entre outras. Existe a perspectiva de transformação do projeto em programa com a Proex, fato que abrirá maior possibilidade para mais bolsistas atuando.

O projeto Cia. da Gente segue em constante movimento e a cada dia amplia-se sua dimensão de atuação, no sentido do atendimento humanístico ao sujeito por meio das artes cênicas e da música, amparado pelo cuidado pedagógico.

MARCO FLÁVIO ALVARENGA

é professor do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e coordenador do projeto Cia. da Gente



FERNANDA APARECIDA OLIVEIRA RODRIGUES SILVA

é professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e coordenadora do projeto Cia. da Gente



“O alongamento de um braço nos dá possibilidade de alcançar pontos que, por vezes, não ousaríamos imaginar. A extensão muscular é bem mais que um relaxamento, abrindo novos horizontes e potenciais. Assim, diferenciados, os dedos podem indicar, tencionar e efetivar alianças duradouras. Articuladas, essas mesmas extremidades ganham segurança e se estruturam como símbolo de compromisso efetivo. Esse pensamento de ir além dos limites estabelecidos pelos muros é o foco de atuação dos projetos da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto. Entre as articulações promovidas entre a UFOP e a comunidade do entorno é o projeto Cia. da Gente, que há dez anos utiliza da arte como motriz para o desenvolvimento de novas frentes de pensamento. Respeitando ritmos e perfis, a possibilidade de contato com o mundo (in)imaginável produz a fantasia e prepara para a realidade, leva e traz conhecimentos, abre portas para o ensino e efetiva-se em aprendizado.”

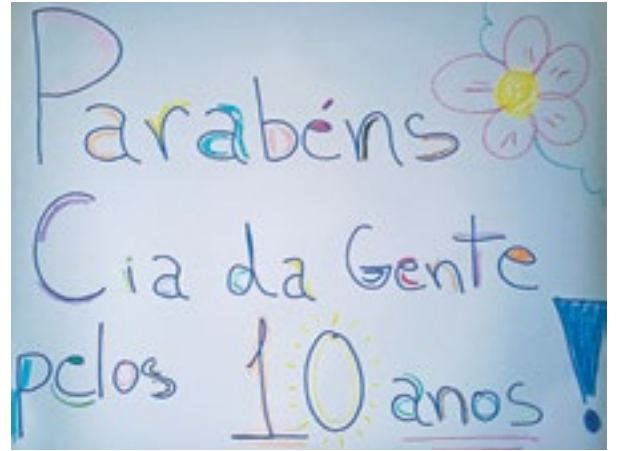
PROF^a IDA BERENICE HEUSER DO PRADO
Pró-Reitora de Extensão da UFOP



“Às vezes, a gente está na cozinha e não vê o valor dos trabalhos, a gente não presta muita atenção. Quando a gente vê concretizado, vê que ficou maravilhoso. A peça Amor das Cores eu achei fantástica. Às vezes observava, falava: ‘gente, o que eles estão fazendo lá embaixo? Será que vai dar alguma coisa?’ Quando eu assisti, achei a coisa mais maravilhosa do mundo. Vocês interagiram bem com os meninos. Eles fizeram tudo junto e isso foi maravilhoso, porque eles participaram do teatro e ainda fizeram os bonequinhos, a confecção dos bonecos, trouxeram o material para fazer. Então eu achei muito interessante. Tem sempre que continuar!”

NIRIA
Pastoral





Descobri como é bom brincar, cantar, dançar, correr e jogar bola. Na Pastoral gosto de brincar com as crianças. Essa meninada é amigável e alegre. Muito bom tocar os sinos e outros instrumentos, aproveitar os brinquedos, as corridas ao lado da igreja Bom Jesus das Flores, almoçar e lanchar juntos. Brincamos com o celular e com a guitarra (curtindo o rock'n'roll). É bom brincar e ensinar as crianças. Para mim esse é espírito do Cia. da Gente.

RENATO DOS SINOS
Monitor da Pastoral



Agradecimentos

Ao comemorar os 10 anos de existência do projeto Cia. da Gente, não poderíamos deixar de homenagear nossos parceiros, que acreditaram em nossa proposta e compartilharam conosco, como voluntários, na implantação deste importante projeto.

Assim, entre outros, agradecemos à **Cláudia Guido**, competente designer de interiores, que nos ofertou tão gentilmente seu trabalho para implantação dos projetos da Santa Casa e do Lar São Vicente de Paulo.

Ao então Provedor da Santa Casa, **Targino Guido**, que tão gentilmente nos permitiu, de forma irrestrita, realizar nossos projetos na pediatria, enfermagem SUS e maternidade SUS.

À **Irmã Isabel**, eterna amiga, ainda que distante em sua terra, Portugal, que, após

se doar durante anos ao cuidado dos idosos de Ouro Preto, hoje cumpre também a nobre missão de cuidar de sua própria mãe. À **Irmã Isabel** o nosso eterno reconhecimento.

À direção da APAE e da Pastoral, por aceitarem com carinho nossa participação nos seus trabalhos.

À Equipe de Tecnologia da Informação da Fundação Gorceix, composta pelo Engº **Eugênio Pacelli Camilo** e seus colaboradores **Hugo Rafael Nogueira Gomes** e **André Luis Barroso Almeida**, que doaram com carinho seu tempo extra para planejamento e implantação dos projetos da APAE, da Pastoral e do Lar São Vicente de Paulo.

E, de forma muito especial agradecemos à equipe de monitores e bolsistas dos cursos

de Artes Cênicas e Música da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), pela coragem, abnegação e disciplina com que aceitaram o desafio que lhes era proposto. Como forma de homenageá-los, registramos abaixo o nome dos integrantes da primeira equipe do Cia. da Gente, formada a partir de 2005.

Alunos do curso de Artes Cênicas da UFOP
Paula Gotelip de Souza Corrêa - Coordenadora
Álvaro Maciel Schimidt
Ana Carolina Santana de Souza
Ana Paula Hubli
Ana Paula Kato
Breno Luciano Villas Boas
Brígida Antônia de Carvalho Vieira
Carlos Alberto Ferreira da Silva
Carolina Braga Pereira
Cecília Figueiredo Magalhães Pereira
Danilo da Silva Camassuti

Diamond Santos Dantas
Douglas José Garcia
Guilherme Stopa Ferreira
Henrique Barbosa Oliveira
Leonardo Albuquerque Tavares de Oliveira
Luana Athaydes Fernandes Oliveira
Maira Goreti do Nascimento Pereira
Naiara Amaral de Miranda Machado
Rafael Rodrigues Carvalho
Romênia Reis de Moura
Soraia Maria Sebastião
Thaís Castro Oliveira
Thayane de Oliveira Ferreira

Alunos do curso de Música da UFOP
Luis César dos Reis - Coordenador
Cleyton Cássio Marques
Diego Pereira Vidigal
Fernando Costa da Silva
Washington Ribeiro Moreira

Expediente

Fundação Gorceix

Instituição de apoio aos estudantes carentes e à Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).
Fundada em 18 de abril de 1960.

Sede

Rua Carlos Walter Marinho Campos, 57
Vila Itacolomy • CEP 35400-000
Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil
Telefone 55 (31) 3559 7100
www.gorceix.org.br

Cristovam Paes de Oliveira
Presidente-executivo

Reinaldo Otávio Alves de Brito Pinheiro
Superintendente

Conselho Diretor

Cristovam Paes de Oliveira - Presidente
Clóves Otávio Nunes de Carvalho
Fernando Antônio Peixoto Villanova
João Marques Fernandes
José Mendo Mizaél de Souza
Orlando Euler de Castro

Conselho Curador

Carlos Roberto Gonzalez
Christovam Penteado Sanches
Clênio Afonso Guimarães
Cyro Cunha Melo
Eliezer Batista da Silva
Elmer Prata Salomão
Eurípedes Palazzo Silva
Gilberto Dias Calaes
Gilberto Queiroz da Silva
Issamu Endo
José Armando de Figueiredo Campos
Juvenil Tibúrcio Félix
Kléber Farias Pinto
Lauro César de Abreu
Paulo José Barros Rabelo
Ricardo Vescovi de Aragão
Roberto Lúcio Nunes de Carvalho
Romero Machado Correa
Stephan Heins Josef Victor Weber
Danilo Santos Xavier Guimarães

Conselho Fiscal

Membros Efetivos
Claret Rodrigues da Cunha - Presidente
Fernando Antônio Borges Campos
João Luiz Nogueira de Carvalho
Membros Suplentes
Antenor Rodrigues Barbosa Júnior
Kepler Cavalcante Silva
Paulo Henrique Abreu Coelho

Conselho Consultivo
A³EM - Presidente

Adilson Rodrigues da Costa
André Barros Cota
Ângelo Oswaldo de Araújo Santos
Antônio João Martins Torres
ArcelorMittal Aços Planos - Presidente
Aperam South América - Presidente
Armando Maurício Max
Ayrton Rocha
Aziz Assi
Carlos Bernardo Bracher
Carlos Eduardo Dutra Pires
Carlos Roberto Gonzalez
Celso Carvalho Magalhães
Clênio Afonso Guimarães
Cia. Siderúrgica Nacional - CSN
Constantino Issa
David Dequech
DNPM - Depart. Nacional de Produção Mineral - Diretor Geral
Eduardo Rodrigues Drummond
Escola de Minas - Diretor
Eurico Martins de Araújo
Fernando Leopoldo von Kruger
Fernando Versiani dos Anjos
Fundação Gorceix - Presidente
Geraldo de Almeida Fonseca
Hélio Blak
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Presidente
Jarbas Eustáquio Avelar
João Alberto Pratiní de Moraes
José Armando de Figueiredo
José Arthur Penna
José Alberto Alves de Brito Pinheiro
João Batista Sabino
José Barros Cota
José Fernando Coura
José Luiz Amarante
Lauro César de Abreu
Leonardo Barbosa Godefroid
Luiz Carlos de Assis Moreira
Luis Fernando Loureiro Ribeiro
MAGNESITA S.A. - Presidente
Márcio Rogério Von Krüger
Marcos Tadeu Vaz de Melo
MEC - Ministério da Educação
NOVELIS - Diretor
Osmar Augusto Penteado Souza e Silva
Paulo José Barros Rabelo
Paulo Roberto Magalhães Bastos
PETROBRAS - Presidente
Prefeito Municipal de Ouro Preto
Reitor da Universidade Federal de Ouro Preto
Roberto de Assis Nogueira
Roberto Lopes Machado
Roberto Lúcio Nunes de Carvalho
Rubens Viana de Oliveira Júnior
USIMINAS - Presidente
VALE - Presidente
Vallourec & Mannesmann

Tubes - V&M - Presidente
Votorantim (CBA) - Cia. Brasileira de Alumínio - Presidente
Votorantim Metais (CMM)
Wagner Colombaroli

Representantes do Corpo Discente dos Cursos da Escola de Minas

André Nogueira Komatuda
Engenharia de Minas
Bruna Letícia dos Santos
Engenharia Geológica
Ciro Gerlado Brito Limão
Engenharia Mecânica
João Paulo Gonçalves Simim
Engenharia de Controle e Automação
Lara Alves Paiva
Engenharia Metalúrgica
Rafael Dias de Oliveira
Engenharia de Produção
Thamiriz Barros de Assis
Engenharia de Arquitetura e Urbanismo
Vanessa Domiciano Felício
Engenharia Civil
Vinícius Macedo de Souza
Engenharia Ambiental

Representante do Corpo Docente da Escola de Minas
Luiz Cláudio Cândido

UFOP

Prof. Marcene Jamilson Freitas Souza
Reitor

Profª Ida Berenice Heuser do Prado
Pró-reitora de Extensão

Cia. da Gente

Dra. Telma Ribeiro de Queiroz
Coordenadora
Fundação Gorceix

Marco Flávio Alvarenga

Professor coordenador
DEART – Departamento de Artes Cênicas da UFOP

Fernanda Rodrigues

Professora coordenadora
DEEDU – Departamento de Educação da UFOP

Adriana Martins

Bolsista coordenadora
Aluna do Curso de Artes Cênicas da UFOP

Equipe de bolsistas | 2015

Pastoral

Isabela Olanda Rivair de Assis
Thaís Lopes Santos de Azevedo

Renato Algarves
Fernando Augusto da Silva
Matheus Borelli dos Santos

APAE

Almiro Ebani de Mello Neto
Ana Gabriela de Souza Santos
Daniel Torquete Barbosa
Eutíquio Fernandes da Fonseca
Gabriel César Pereira
Isabella Nunes de Moraes
João Paulo Oliveira
Suttane Queiroga Hoffmann
Vanessa Andrea Gonçalves
Vanessa Rodrigues Carvalho

Lar São Vicente de Paulo

Joice Rocha Maia
Nathane Alves Cruz
Tábata Thiago Iori
Ana Paula Manfrim
Shirley Fideles Figueiredo
Vinicius Amorim Almendros
Thiago Chaves Serrano
Álamo Cardoso de Araújo
Ana Carolina Alves Silva
Bruno Alvez Canguçu

Santa Casa

Cláudio Emanuel Santos de França
Cristiana da Silva Norberto
Gilmar Jacinto Viana Júnior
Diego Leandro Marques

CAPSi

Heloísa Danielle da Silva
Paulo Henrique de Aguiar
Dayane Cristina de Jesus Ferreira
Oslaine Pereira Leal

Revista de circulação dirigida e distribuição gratuita.
As opiniões emitidas nos artigos assinados e publicados são de responsabilidade dos autores.

Diretor Responsável:
Prof. Dr. Cristovam Paes de Oliveira

Coordenação:
Dra. Telma Ribeiro de Queiroz

Fotos: arquivo Fundação Gorceix, Stúdio Pixel e arquivos do Cia. da Gente

Revisão: Text Only Editoração – Tekla Leite

Projeto gráfico e editoração:
Pool Comunicação – Uoster Zielinski

Impressão: Gráfica Imprimaset
Impresso em dezembro de 2015





É na joia do barroco latino-americano que um projeto de extensão interage com a comunidade por meio da educação e das artes.

Desde 2005, alunos das Artes Cênicas, da Música e da Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) ampliam sua atuação extracurricular, promovendo a melhoria da qualidade de vida da comunidade ouro-pretana. O projeto Cia. da Gente, criado e amparado pela Fundação Gorceix, atende a cinco instituições sociais e de saúde em Ouro Preto – Santa Casa, Pastoral da Criança, Lar São Vicente de Paulo, APAE e CAPSi – permitindo um estreitamento das relações entre a UFOP, a Fundação Gorceix e a comunidade. Essa rede de auxílio mútuo permite ao aluno bolsista a oportunidade de retribuir para à sociedade os benefícios que recebe. Com o olhar voltado para o futuro, ao completar dez anos, o Cia. da Gente confirma que o meio acadêmico e a sociedade devem procurar soluções que os aproximem cada vez mais, promovendo ações integradas, fortalecendo o diálogo democrático e o conhecimento científico e humanístico.



EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E AÇÕES SOCIAIS
VALORIZAM O COMPROMISSO
ÉTICO COM A SOCIEDADE